

Da Reflexão à Ação: Estratégias Pedagógicas para o Convívio Escolar

Caroline Torres da Silva ¹

Carlos Henrique da Silva ²

Daniel Venícios de Lima Lisboa ³

Roberto César de Lima Ferreira ⁴

Thiago Araújo da Silveira ⁵

RESUMO

Este relato apresenta uma proposta pedagógica baseada em situações-problemas para abordar bullying, autismo, empatia, violência escolar e promoção da cultura de paz. Desenvolvida por bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) interdisciplinar, em parceria com o professor supervisor de uma escola técnica estadual, a ação foi aplicada em três turmas do 1º ano do ensino médio. Inicialmente pensada para impactar uma turma com problemas de comportamento, a proposta acabou envolvendo todas as turmas, que participaram com reflexões pertinentes e engajamento. As situações-problemas foram elaboradas a partir de contextos próximos à realidade escolar. A primeira, sobre violência escolar, abordou conflitos, apelidos ofensivos, discriminação e ameaças, incentivando ações para promover paz e respeito. A segunda, sobre bullying, trouxe casos de intimidação física, verbal e psicológica, estimulando propostas como campanhas de conscientização, canais de denúncia e projetos de inclusão. A terceira tratou do autismo, com o caso fictício de um aluno com Transtorno do Espectro Autista alvo de isolamento e piadas, gerando debate sobre inclusão e respeito às diferenças. A quarta, sobre empatia, apresentou situações de falta de compreensão diante das dificuldades emocionais de colegas, motivando atitudes de acolhimento e apoio mútuo. A metodologia consistiu em contextualizar as situações e formar grupos de até seis integrantes, que tinham 15 minutos para discussão e elaboração de uma proposta escrita, seguidos de 35 minutos para socialização. Os resultados destacam a participação ativa dos estudantes e familiarização com temas antes desconhecidos por eles. Em suma, a proposta pedagógica tem aos poucos atuado na transformação do comportamento das turmas nas aulas e do tratamento social de convivência entre os discentes. Observa-se ainda que a metodologia tem contribuído para articulação de conteúdos acadêmicos com vivências sociais e fortalecido o protagonismo estudantil.

Palavras-chave: Bullying, Empatia, Cultura de paz, Educação inclusiva, Interdisciplinaridade.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE; bolsista do PIBID/Núcleo Interdisciplinar (UFRPE), caroline.torres@ufrpe.br

² Professor Supervisor do PIBID/ Núcleo Interdisciplinar (UFRPE), carlos.hdsilva@professor.educacao.pe.gov.br;

³ Graduando de Física da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, bolsista do PIBID/Núcleo Interdisciplinar (UFRPE), daniel.lisboa@ufrpe.br;

⁴ Graduando de Física da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, bolsista do PIBID/Núcleo Interdisciplinar (UFRPE), roberto.lferreira@ufrpe.br;

⁵ Coordenador de área do PIBID/Núcleo Interdisciplinar/UFRPE, thiago.silveira@ufrpe.br.





INTRODUÇÃO

A escola serve como um espaço para a construção de saberes, valores e modos de convívio, além de atuar como um centro de socialização e desenvolvimento humano. Nesse contexto, é essencial reavaliar as abordagens pedagógicas que favorecem o respeito, a empatia e a inclusão, especialmente em face dos desafios contemporâneos relacionados à violência simbólica, ao bullying e à intolerância. Paulo Freire (1996) salienta que a educação deve ser entendida como um processo de humanização, onde o diálogo e a reflexão crítica sobre a realidade conduzem à emancipação dos indivíduos. Assim, a função do educador ultrapassa a mera transmissão de conhecimentos, assumindo um compromisso ético e político em promover uma cultura de paz.

A base teórica e metodológica deste trabalho fundamenta-se nas perspectivas sociointeracionistas propostas por Vygotsky (1989) que defende que o saber é gerado através das interações sociais e das trocas simbólicas que ocorrem em contextos coletivos. De maneira semelhante, Charlot (2000), concebe o aprendizado como uma construção de sentido, onde o aluno se dedica a encontrar significados a partir de suas experiências, identidades e expectativas. A metodologia das situações-problemas utilizada neste estudo está alinhada à visão de John Dewey (1959), que entende a educação como um processo ativo de exploração. Para Dewey, o estudante adquire conhecimento ao refletir sobre suas experiências práticas e ao buscar soluções para desafios reais, o que favorece o desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia. Essa abordagem ressalta a importância de metodologias educacionais que promovam ação, reflexão e cooperação entre os alunos.

Michel Foucault (1987), com uma abordagem crítica, contribui para a compreensão da escola como uma instituição imersa em dinâmicas de poder e processos de normatização. O autor argumenta que as práticas disciplinares moldam comportamentos e geram indivíduos que se conformam às normas sociais. Ao promover atividades que desafiem essas formas de controle, a escola tem o potencial de se tornar um espaço de resistência e libertação.

Estudos recentes apoiam essa visão ao ressaltar a relevância de abordagens que promovem a reflexão e a empatia nas escolas. Rapa, Bolding e Brooks (2023) argumentam a





favor da fusão entre conscientização crítica e empatia social, propondo isso como alicerce para transformações nas práticas educativas, alinhando a teoria de Freire às atuais questões de convivência. No Brasil, Susin e Tessaro (2024) investigam intervenções escolares que tratam o bullying sob a lente da psicologia moral, evidenciando que ações educativas deliberadas podem aumentar a empatia e diminuir conflitos. Complementarmente, Lima e Manjinski (2024) ressaltam a urgência de implementar políticas e práticas inclusivas que promovam a aceitação e a valorização das diversidades nos ambientes escolares.

O Presente estudo foi realizado por alunos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) interdisciplinar, em colaboração com um professor supervisor de uma escola técnica estadual. Essa iniciativa surgiu da necessidade de agir diante de conflitos e comportamentos inadequados observados nas turmas do 1º ano do ensino médio. Para isso, foram criadas situações-problema que exploraram assuntos como violência nas escolas, especialmente nos banheiros, além de bullying, autismo e empatia, com o objetivo de fomentar o diálogo e promover uma reflexão crítica entre os alunos.

METODOLOGIA

A nossa proposta de trabalho é definida como uma intervenção pedagógica qualitativa com um foco exploratório e descritivo, realizada no contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) interdisciplinar. O estudo ocorreu em uma escola técnica estadual e abrangeu três turmas do primeiro ano do ensino médio, entre abril e junho de 2025.

A estruturação da intervenção pedagógica utilizou como pressupostos teóricos John Dewey (1959) e Lev Vygotsky (1989), esses teóricos veem a aprendizagem como um processo dinâmico que envolve reflexão ativa, interação e a solução colaborativa de problemas do cotidiano. Essa abordagem possibilitou a conexão entre teoria e prática, promovendo o protagonismo dos alunos e o fortalecimento do pensamento crítico e da empatia.

Na primeira etapa, foi efetuada um diagnóstico inicial que envolveu observações e conversas com professores e alunos, visando detectar conflitos interpessoais, práticas de bullying e dificuldades na convivência. Com base nas informações coletadas, os alunos licenciandos criaram quatro cenários problemáticos inspirados em situações que refletem a





realidade escolar, permitindo que os estudantes se reconhecessem nas situações propostas e refletissem sobre possibilidades de superação e combate do problema abordado.

O primeiro cenário discutiu a violência no ambiente escolar, com foco nos banheiros, abordando situações de conflitos, agressões, apelidos depreciativos, discriminação e ameaças. O objetivo foi promover a reflexão sobre o respeito ao espaço comum e a importância de construir um ambiente escolar seguro e acolhedor. As atividades práticas envolveram a leitura de textos e a análise de casos, seguidas de discussões em grupo sobre possíveis soluções e comportamentos preventivos. Como recursos, foram utilizados materiais impressos, folhas para registro das ideias. A avaliação considerou a participação dos alunos nas discussões e a capacidade de propor estratégias para o convívio respeitoso.

O segundo cenário abordou o bullying, apresentando situações de intimidação física, verbal e psicológica. O objetivo foi identificar as diferentes formas de bullying e refletir sobre seus impactos emocionais e sociais. Entre as atividades, os alunos analisaram histórias reais e fictícias, criaram propostas de campanhas de conscientização, e sugeriram a implantação de canais de denúncia e ações de inclusão. Os recursos utilizados foram textos de apoio e materiais de escrita. A avaliação ocorreu por meio das produções dos grupos e da observação do envolvimento e das reflexões apresentadas durante os debates.

O terceiro cenário tratou do autismo, contando a história fictícia de um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) que enfrentava isolamento e zombarias. O objetivo foi discutir a inclusão escolar e estimular a empatia e o respeito às diferenças. As atividades práticas incluíram a leitura da narrativa, a discussão coletiva sobre atitudes discriminatórias e a construção de propostas de acolhimento e apoio ao colega com TEA. Como recursos, foram utilizados textos ilustrados, papéis e canetas para registro das ideias principais. A avaliação foi feita a partir das falas dos alunos e das propostas apresentadas, observando o desenvolvimento de atitudes mais empáticas e colaborativas.

Por fim, o quarto cenário teve como tema a empatia, mostrando exemplos de falta de compreensão em relação às dificuldades emocionais de colegas. O objetivo foi incentivar atitudes de solidariedade, escuta e apoio mútuo. As atividades envolveram dinâmicas de grupo sobre reconhecimento das emoções, relatos pessoais e a proposta de um “mural da





empatia”, no qual os alunos registrariam mensagens de incentivo e acolhimento. Os recursos utilizados foram papéis e canetas para as reflexões sobre o tema. A avaliação baseou-se na participação nas dinâmicas, nas produções coletivas e na observação das interações entre os estudantes.

Em todos os cenários, os alunos foram organizados em grupos de até seis integrantes e receberam cerca de quinze minutos para ler, discutir e registrar suas respostas por escrito. Em seguida, um representante de cada grupo apresentou as conclusões para a turma, gerando debates mediados pelos bolsistas e pelo professor supervisor. Essas discussões favoreceram o intercâmbio de ideias, valorizaram as experiências individuais e coletivas e fortaleceram o ambiente de escuta, respeito e construção colaborativa de conhecimentos.

Os dados foram coletados a partir das reflexões escritas dos alunos, que continham suas respostas às questões norteadoras de cada cenário. Esse material permitiu observar o engajamento dos estudantes, suas interações durante as discussões e as mudanças de postura ao longo da intervenção. A análise foi conduzida por meio de uma abordagem interpretativa, fundamentada na metodologia de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), buscando identificar categorias relacionadas à empatia, ao respeito, à cooperação e à cultura de paz.

Todas as etapas da pesquisa seguiram os princípios éticos de investigação em ambiente escolar, garantindo o anonimato dos participantes e a utilização dos dados exclusivamente para fins acadêmicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A implementação das quatro situações-problema demonstrou contribuições importantes em relação ao comprometimento, à reflexão e ao desenvolvimento ético dos alunos. Cada um dos temas abordados — violência nas escolas, bullying, autismo e empatia — originou discussões que possibilitaram perceber tanto as opiniões dos estudantes quanto suas sugestões para aprimorar a convivência.

1. Identificação das manifestações de violência

Na abordagem relacionada à violência nas escolas, os grupos apresentaram respostas bastante semelhantes, citando frequentemente exemplos como agressões físicas e psicológicas, bullying, racismo, gordofobia, homofobia e intolerância religiosa. As



justificativas mais comuns relacionaram essas atitudes ao preconceito, à falta de segurança pessoal e ao déficit na

educação familiar. Durante as discussões, um ponto que se destacou foi o relato dos alunos sobre a ocorrência frequente de agressões nos banheiros da escola, considerados áreas com menos vigilância.

A partir desse diagnóstico compartilhado, surgiram propostas para a intervenção: a instalação de câmeras em corredores próximos aos banheiros, sem violar a privacidade dos alunos; o desenvolvimento de um sistema de alarme de segurança — um botão nas cabines que pudesse ser acionado em situações de emergência; e até mesmo a criação de uma plataforma online para denúncias anônimas. Essas sugestões não apenas evidenciam a consciência crítica dos estudantes, mas também sua habilidade de elaborar soluções práticas, respeitosas e voltadas para a segurança do grupo. De acordo com Freire (1996), o processo educativo deve permitir que o estudante se veja como um agente ativo na transformação social. Portanto, a proposta de situações-problema surgiu como um espaço produtivo para exercitar o pensamento crítico e a ética, em harmonia com a pedagogia ativa defendida por Dewey (1959).

2. Empatia e valorização das diferenças

Na situação envolvendo o autismo, o diálogo ultrapassou os limites teóricos e se transformou em um verdadeiro espaço de escuta e sensibilização. Alunos autistas compartilharam suas vivências, expressando desconfortos relacionados ao ruído na sala de aula, dificuldades em interações sociais e a necessidade de mais empatia e inclusão em atividades escolares. Esses relatos foram ouvidos atentamente pelos colegas, que mostraram compreensão e acolhimento em relação às experiências compartilhadas. Como proposta, os próprios alunos sugeriram que a escola realizasse palestras e iniciativas educativas sobre autismo, visando aumentar a conscientização e mitigar comportamentos excludentes.

No trabalho dessa temática, ressalta-se em como a metodologia de situações-problema pode fomentar práticas inclusivas e de diálogo, onde os próprios participantes da experiência se envolvem na formulação de soluções. Rapa, Bolding e Brooks (2023) defendem exatamente essa conexão entre empatia social e consciência crítica como fundamento para mudanças sustentáveis no ambiente escolar.



3. Protagonismo e colaboração entre os estudantes

Na situação referente ao bullying, as apresentações discorreram de forma dialogada e colaborativa. Os alunos foram capazes de reconhecer as formas mais comuns de intimidação — física, verbal e psicológica — e refletiram a respeito dos traumas emocionais sofridos pelas vítimas. Dentre as sugestões para combate da violência, surgiram campanhas de conscientização, a criação de canais de denúncia e projetos de inclusão, demonstrando uma postura proativa e responsável. A abordagem desse tópico evidenciou o protagonismo dos alunos, que se alinha à perspectiva sociointeracionista de Vygotsky (1989), segundo a qual a aprendizagem é fruto da interação e da mediação social. Assim, a metodologia adotada favoreceu o diálogo, a escuta ativa e o fortalecimento das relações colaborativas dentro da escola.

4. Transformação nas relações interpessoais

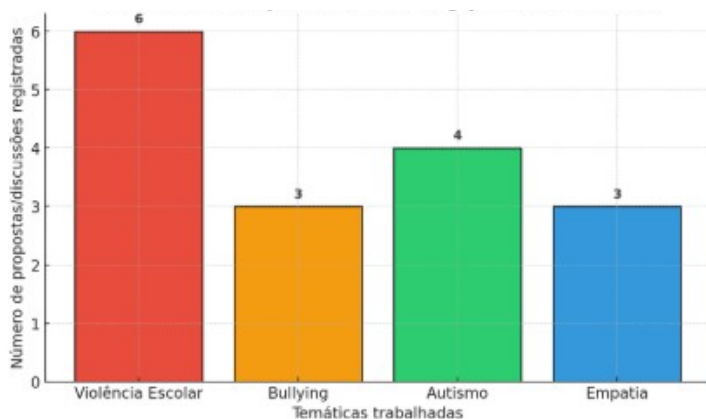
Na abordagem sobre a empatia, esta categoria funcionou como um fechamento dos 3 outros temas desenvolvidos, adicionando à construção dos saberes a empatia como um ponto de encontro. Esse tema não trouxe soluções coletivas e de ações externas, mas a autorreflexão, isto é, como as atitudes individuais e visão sobre o outro influenciam o convívio escolar.

Após as atividades, foi possível notar uma diminuição nos conflitos e uma notável melhoria no clima da escola, principalmente nas turmas que apresentavam maiores desafios inicialmente. Os professores e licenciandos relataram um aumento na cooperação, no respeito e no diálogo entre os alunos. Esses achados corroboram o que foi evidenciado por Susin e Tessaro (2024), que vinculam a convivência ética a um investimento em práticas educativas que sejam reflexivas e empáticas.

De forma geral, as quatro situações apresentadas, mostraram-se eficazes ao incentivar a reflexão, a participação e a conscientização crítica. As propostas elaboradas pelos alunos revelam não apenas uma compreensão teórica, mas também um compromisso ético voltado para a melhoria das relações escolares. A metodologia aplicada, portanto, teve seu objetivo formativo alcançado ao conectar teoria e prática, bem como conhecimento e sensibilidade, contribuindo assim para a construção de uma cultura de paz e respeito mútuo.



Gráfico 1 – Síntese das situações-problema e engajamento dos alunos



Fonte: Elaboração própria (2025), com base nos registros das atividades desenvolvidas no PIBID Interdisciplinar.

O Gráfico 1 apresenta a quantidade de propostas e debates elaborados pelos alunos em cada uma das quatro situações problemáticas abordadas. Nota-se que o tema da violência nas escolas gerou o maior número de ocorrências, somando seis formas diferentes de manifestações mencionadas (violência física, psicológica, bullying, racismo, gordofobia, homofobia e discriminação religiosa), além de várias sugestões de intervenção, como a colocação de câmeras nos corredores, o estabelecimento de um sistema de alarme nos banheiros e a criação de uma plataforma para denúncias anônimas.

Os resultados obtidos indicam que, apesar de todas as situações terem estimulado o pensamento crítico e a participação ativa, os assuntos que mais se conectaram com a realidade direta dos alunos — como a violência e a inclusão — geraram um envolvimento coletivo mais significativo e a geração de ideias práticas. Essa observação destaca a relevância de se trabalhar

com conteúdos que sejam contextualizados, os quais podem vincular experiências, valores e aprendizagens éticas, alinhando-se às ideias de Freire (1996), Dewey (1959) e Vygotsky (1989).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência realizada com a metodologia das situações-problema mostrou que é viável, fomentar a conexão entre reflexão, empatia e ações transformadoras no espaço escolar.





As atividades realizadas permitiram que os alunos pensassem criticamente sobre temas do cotidiano, como a violência nos banheiros, bullying, a exclusão de colegas com autismo e a escassez de empatia nas interações sociais.

Os resultados evidenciaram não apenas a percepção das diversas formas de violência, mas também o surgimento de uma postura ética e colaborativa entre os alunos. As soluções sugeridas pelos estudantes — como a implementação de um botão de alarme nos banheiros, a criação de canais de denúncia e a organização de palestras sobre inclusão — destacam a iniciativa juvenil e o comprometimento com o bem-estar da coletividade.

A metodologia utilizada, que favoreceu o diálogo, a escuta ativa e a cooperação, contribuiu para a diminuição de conflitos, o fortalecimento de vínculos afetivos e a melhoria do ambiente escolar, especialmente entre turmas que inicialmente eram mais difíceis de lidar. Notou-se um aumento na valorização do respeito mútuo, da solidariedade e da diversidade por parte dos alunos, o que comprova a eficácia da proposta como um recurso para a formação humana e cidadã.

Com base nas referências teóricas que sustentaram o estudo — incluindo os pensadores Freire, Dewey, Vygotsky, Charlot e Foucault — chega-se à conclusão de que uma educação que promove a humanização é aquela que une conhecimento e sensibilidade, teoria e prática, liberdade e responsabilidade. A vivência dos bolsistas do PIBID reforça que o docente, ao implementar práticas dialógicas e reflexivas, assume o papel de mediador no processo de conscientização e transformação social.

Para o futuro, sugere-se que a metodologia das situações-problema seja ampliada e aplicada em outras turmas, possibilitando a exploração de diferentes temáticas e contextos educacionais. Recomenda-se, ainda, que essa mesma metodologia seja utilizada de forma interdisciplinar, especialmente para o trabalho com conteúdos das áreas de Ciências e Tecnologia, favorecendo a integração entre saberes e a construção de aprendizagens significativas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à direção, à equipe docente e aos estudantes da Escola Técnica Advogado José David Gil Rodrigues, pela acolhida e pela parceria durante o desenvolvimento das atividades do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBD). O comprometimento e a colaboração de todos foram fundamentais para o êxito das ações e para





a consolidação de um ambiente de aprendizagem pautado na empatia, cooperação e cultura de paz.

Estendemos nossos agradecimentos à Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), pela orientação acadêmica e pelo suporte institucional, e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio e incentivo à formação docente. Reconhecemos, ainda, a relevância do programa e da supervisão escolar como espaços de integração entre teoria e prática, que contribuem de forma significativa para o aprimoramento profissional e o fortalecimento da educação pública.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DEWEY, John. *Experiência e educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIMA, Lucélia; MANJINSKI, Everson. *Inclusão de alunos com deficiência no ensino superior brasileiro: análise crítica das práticas educativas e políticas de inclusão*. Revista Teias de Conhecimento, v. 2, n. 4, 2024.

RAPA, Luke J.; BOLDING, Candice W.; BROOKS, Cari Allyn. *Integrating Critical Consciousness and Social Empathy: A New Framework to Enhance Conscientization*. Cambridge University Press, 2023.

SUSIN, G. M.; TESSARO, M. *A convivência escolar e o bullying: contribuições da psicologia moral*. Cadernos de Educação, v. 34, n. 1, 2024.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

